

“tornar-se tanto quanto possível imortal”

Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, X 7, 1177 b 33.

## 5. Conclusão

Qual é o objeto da vida humana? Qual é o seu propósito? Qual é o seu significado? De todas as respostas já oferecidas a estas perguntas, talvez a mais significativa seja aquela oferecida por Aristóteles em sua teoria ética, pois o filósofo nos legou que o propósito de nossa existência como homens é a busca pela felicidade, ou melhor, a busca pela *eudaimonía*.

Mas o que é a *eudaimonía*? O que significa para o homem a sua busca? Para Aristóteles, a *eudaimonía* é o sumo bem, o objeto de toda ação, toda escolha. É o fim desejado por si mesmo, pois tudo aquilo que é desejado o é por causa deste fim, por isto ela é o fim último, o *anthrópinon agathon*, o bem para o homem. Aristóteles colocou a *eudaimonía* como o *télos* da vida humana, como o seu fim absoluto, um fim que só pode ser alcançado através das *aretai*, das virtudes, mais especificamente da ação virtuosa. Apenas quando o homem encontra a mediania entre os extremos ele age com virtude ética e obtém a vitória sobre os vícios. Todavia, quando Aristóteles concebeu sua teoria de um sumo bem ele não o restringiu a vida prática, pois, para o filósofo, o bem que supera todos os outros não pode ser confinado à matéria. Aristóteles concebeu o homem como um ser *hilemórfico*, de natureza composta, um *sínolo* de matéria e forma, e assim como ele, a busca pela *eudaimonía* também é de natureza *hilemórfica*. Assim a busca pela *eudaimonía* atinge seu ápice quando o homem exercita a atividade mais elevada de sua alma, a atividade do *nous*, que é, por excelência, a atividade da razão. Através do *nous*, o homem atinge o estado da suprema *eudaimonía*, o estado da contemplação. Pela contemplação o homem toma consciência de sua natureza divina. O homem é um ser dividido entre o ato e a potência, assim para atingir o estado da contemplação ele precisa atualizar o que se encontra em potência em seu ser, e ao fazê-lo ele vislumbra aquilo que há de mais elevado e perfeito, isto é, deus.

Em sua teologia, Aristóteles concebeu a teoria de um princípio primeiro imortal, eterno e perfeito que seria a causa de todo o movimento. Este é o motor imóvel, que causa o movimento do universo devido a sua natureza de perfeição movendo como o objeto do amor move o amante. Ao conceber sua teoria de um

primeiro motor que seria a causa de todo o movimento, Aristóteles estabeleceu que sua vida teria que ser de todas a mais perfeita, isto é, a vida da contínua contemplação. Para o filósofo a vida do primeiro motor é a “vida” derradeira, ou seja, a vida de perfeição, pois ele se encontra na condição que para nós é apenas concedida por breves momentos, isto é, a condição da contínua contemplação. Para o homem é impossível a contemplação contínua, já que o homem sofre os efeitos da mudança, mas a essência do primeiro motor é o puro ato, o que implica imaterialidade e eternidade, o que significa que a sua atividade contemplativa é, assim como ele, eterna. Sendo a atividade da contemplação o mais sublime prazer, a vida do motor imóvel é o prazer sublime em contínua abundância, o que faz do seu viver o mais perfeito. Aristóteles concebe o primeiro motor como “vida” no sentido forte, pois ele é a “atividade da inteligência” e esta atividade é vida, ou seja, o primeiro motor é a inteligência em ato, a inteligência “em si e por si”. Sendo o deus concebido por Aristóteles a inteligência por si que detém a vida da perpétua contemplação, o que será que ele pensa? O que o primeiro motor contempla continuamente? Ora, o princípio primeiro eterno, perfeito e puro ato que é em si a atividade da inteligência não pode contemplar outra coisa senão aquilo que há de mais perfeito para ser contemplado, ou seja, a si mesmo. Sendo a atividade da inteligência, o primeiro motor é, por si, puro pensamento, portanto, ao contemplar a si mesmo a inteligência divina não constitui outra coisa, senão, pensamento de pensamento. Esta é a natureza do princípio primeiro concebido por Aristóteles, um princípio que é substância eterna, perfeita, cuja essência é em ato, que tem a vida mais feliz e perfeita, ou seja, a vida da contínua contemplação, pois ele é a atividade da inteligência e esta atividade é a “vida” em seu mais forte sentido, contemplando aquilo que há de mais perfeito, a si mesmo. Este, pois, é o motor imóvel.

Devido à sua natureza divina, deus está continuamente no estado de contemplação, ou seja, está continuamente no estado *eudaimônico*. Ora, para o homem é impossível o estado da contemplação contínua, então como pode o homem atingir a divindade e desfrutar da verdadeira *eudaimonia*? O homem pode alcançar a realidade divina através da virtude *dianoética* da sabedoria filosófica. A sabedoria filosófica é constituída pela captação intuitiva dos princípios através do

intelecto, ou seja, ela é superior à prudência, pois esta corresponde ao que diz respeito ao homem, enquanto a sabedoria corresponde ao que transcende o homem. Aristóteles define a sabedoria filosófica como a virtude que se preocupa com o que está além do homem, ou seja, com o conhecimento divino, das esferas celestes e até mesmo do próprio deus. Através da virtude intelectual da sabedoria filosófica, o homem pode alcançar a mais perfeita das vidas, aquela que o fará atingir, com maior plenitude, a *eudaimonía*, a vida da *theoria*, ou seja, a vida contemplativa.

O Estagirita coloca a *eudaimonía* como uma atividade da alma, que para ser alcançada necessita da prática da ação virtuosa, não só das virtudes morais, mas acima de tudo das virtudes intelectuais, visto que estas competem à parte mais elevada da alma, ou seja, a razão. Para Aristóteles, a atividade do intelecto é aquilo que aproxima o homem da divindade, ou seja, a contemplação nos aproxima de deus. A contemplação é, por excelência, a atividade divina, ou seja, a atividade de deus e nela, como já foi dito, ele se encontra continuamente, pensando aquilo que há de mais perfeito para ser pensado, ou seja, a si mesmo. Quando o homem entra no estado contemplativo ele atualiza o que se encontra em potência nele, ou seja, o homem se aproxima da divindade e alcança verdadeira *eudaimonía*. Aristóteles mostra que, para encontrar a *eudaimonía*, o homem precisa encontrar o divino que há em seu ser. Mas o que isto significa? Como o homem pode atualizar aquilo que se encontre em potência em seu ser? Será a *eudaimonía* promovida pelo estado contemplativo uma espécie de semelhante entre o homem e a divindade? Pode o homem, assim como deus, pensar pensamento?

Para responder esta questão, Aristóteles busca compreender a parte da alma pela qual ela conhece e pensa, examinando como ocorre a maneira de pensar. O Estagirita compara o intelecto com a percepção, dizendo que se o pensamento é análogo à percepção, ele deve ser afetado pelo inteligível. O filósofo ao comparar o intelecto à percepção, difere o primeiro do segundo, pois o intelecto recebe a forma e por isso não se mistura ao corpo, isto é, o intelecto é *apathés*, impassível, ou seja, não afetado pelos sentidos. Isto significa que, para o Estagirita, o intelecto pertence à parte racional da alma, enquanto a percepção pertence à esfera sensível

da alma, pois esta depende dos órgãos dos sentidos. O Estagirita mostra que o intelecto não tem natureza positiva própria, sendo pura potência, não tendo ele mesmo nada em comum, em si, com as formas que são o seu objeto, porém é potencialmente igual a elas, ou seja, quando o intelecto pensa, ele recebe as formas agindo como um receptáculo para elas. Após diferenciar a alma da percepção Aristóteles chega a outro ponto importante, a capacidade de o intelecto “pensar a si próprio”.

Aristóteles concebeu a atividade pensante do *nous* em dois momentos. No primeiro, o *nous* recebe as formas e sendo potencialidade é atualizado por elas. No segundo momento, após ter sido atualizado pelas formas, o *nous* pode pensar *autos de hauton*, isto é, pode pensar a si mesmo. É isto que ocorre quando o homem atinge o estado contemplativo: aquilo que se encontra em potência no seu intelecto é atualizado pelas formas que apreende, fazendo com que o *nous* pense a si mesmo, ou seja, que pense pensamento. Mas a capacidade de pensar pensamento não é característica de deus? Ora, como vimos, a natureza divina do primeiro motor implica que sua atividade contemplativa seja, assim como ele, perfeita, ou seja, o objeto de sua contemplação deve ser em ato, totalmente desprovido de potência. Segundo Aristóteles, a inteligência divina capta o inteligível e a substância ao ponto de a inteligência e o inteligível coincidirem, o que faz que sua atividade contemplativa não seja outra coisa, senão pensamento de pensamento, e esta atividade é o maior dos prazeres, fazendo com que deus esteja em um estado constante de *eudaimonía* suprema. É neste estado de *eudaimonía* suprema que está a semelhança entre o homem e deus, pois como vimos o *nous* ao apreender as formas é atualizado por elas, fazendo com que a natureza humana transcenda sua natureza material e potencial e se torne divina. Mas como a natureza humana pode transcender a materialidade e se tornar divina? Isto significaria que o homem tem alguma semelhança substancial com deus? Se observarmos a definição que Aristóteles dá ao *nous* é possível perceber características semelhantes à substância divina.

Assim, Aristóteles concebeu o *nous* como semelhante à substância divina, pois o *nous* é separado e não misturado, ou seja, ele supera a potencialidade e a materialidade sendo intacto em sua essência, o que sugere que, assim como a

substância divina, o *nous* não sofre os efeitos do movimento e da mudança. No entanto, é preciso ter em mente que a natureza humana é *hilemórfica*, ou seja, a potencialidade e a materialidade também fazem parte da constituição ontológica do homem, o que faz com que o intelecto humano só contemple e goze da *eudaimonía* divina por breves momentos, pois o homem está sujeito, em sua natureza material e potencial, à temporalidade e ao movimento o que torna, para ele, impossível a *eudaimonía* perene, pois do contrário ele não seria homem, mas deus. Não obstante, nestes fugazes momentos o *nous*, aquilo que há de mais divino no homem, não só contempla a divindade, mas se torna semelhante a ela, ou seja, nestes momentos o homem se torna semelhante a deus.

Portanto, através da atividade da *theoría*, o homem atualiza aquilo que está em potência em seu ser, fazendo com que, através da *eudaimonía* contemplativa, o homem, por momentos fugazes, possa gozar da semelhança com deus. A contemplação é a *eudaimonía* em sua forma plena, é o *ergon idion* do homem, a função que o define como o ser que ele é, pois ela faz com que ele transcenda a matéria. Mas, isto faz da contemplação um fim dominante? Um fim que o força a se tornar mais que humano para ser feliz? A divindade é parte latente da natureza humana, quando ele a atinge alcança a atualidade de seu ser e para isto ele tem que necessariamente passar pelas vicissitudes da vida prática e encontrar nela a mediania entre os vícios, pois só ao praticar a virtude ele pode ascender ao divino. Por isso a contemplação não é dominante, mas inclusiva, pois, em sua busca, ela engloba todos os bens dignos de serem buscados. Ao contemplar, o homem entende o significado de ser humano que é reconhecer a si mesmo como um ser divino e, mesmo que por breves momentos, ser verdadeiramente *eudaimon*.